

O PATRIMÓNIO PORTUGUÊS NA ETIÓPIA

Manuel João Ramos – ISCTE

In Fernando Critóvão et al. *Dicionário Temático da Lusofonia*. ACLUS – Texto Editores, 2005, pp. 805-7

Texto não citável (a paginação deste texto não corresponde àquela do livro publicado)

Text not to be quoted (the pagination of this text doesn't correspond to that of the published book)

É admissível falar de um “património português na Etiópia” no sentido em que as memórias locais da presença de uma pequena comunidade católica de origem indo-portuguesa no norte daquele país, nos séculos XVI e XVII, ali continuam vivas e as marcas culturais que as corporizam são ainda hoje reconhecíveis, apesar de não se encontrarem sujeitas a quaisquer políticas de preservação patrimonial. O imaginário colectivo que as preserva é, por razões que se prendem com a história política da época contemporânea na Etiópia, especialmente actuante na província de Gondar, a antiga capital do reino cristão, e, em menor medida, em Adwa.

Na sequência de uma devastadora guerra contra os invasores muçulmanos (1531-43), que trouxe um grande prestígio aos militares portugueses sobreviventes do corpo expedicionário comandado por Cristóvão da Gama, chegou à Etiópia, em 1555, um primeiro grupo de missionários jesuítas, cuja função foi, originalmente, de prover às necessidades espirituais da pequena comunidade católica composta de portugueses e indianos, e dos seus descendentes, na região de Adwa

(Fremona). A sua influência na corte aumentou lentamente ao longo de meio século e deveu-se não apenas à sofisticação da sua doutrinação teológica e à qualidade da sua actuação na intriga política mas também às expectativas autóctones de apoio militar e técnico português, aos conhecimentos de arquitectura e engenharia proporcionados pelo irmãos leigos vindos da Índia e, em particular, à introdução das técnicas de construção em alvenaria. À expulsão dos missionários, em 1634, durante a guerra político-religiosa que opôs católicos seguidores do *negusa negast* (“rei dos reis”) Susenyos e os seus opositores ortodoxos, correspondeu uma sistemática destruição de grande parte dos vestígios materiais da sua presença: o interior das igrejas e das residências foi pilhado, os objectos litúrgicos católicos foram destruídos, os livros foram queimados. A documentação etíope contemporânea produzida pelos vencedores ortodoxos, procurou activamente obliterar a memória e a influência da presença jesuíta na Etiópia.

Ainda assim, na região de Dembya, nas proximidades de Gondar e do lago Tana, assim como nas terras do Gojam que circundam o Nilo Azul, encontram-se, espalhados na paisagem montanhosa, enigmáticos conjuntos monumentais, hoje arruinados. Seja em Enfraze, em Danq’aze, em Gorgora ou em Debra May, trata-se sempre de um mesmo modelo construtivo: no centro de uma grande cerca de pedra amuralhada, um castelo de planta quadrada ergue-se no cimo de uma colina. A uma distância variável destas estruturas defensivas, encontramos também ruínas de igrejas de traça católica europeia, por vezes ostentando elementos decorativos de origem gujarati.

Boa parte destas estruturas terá sido construída após 1620, durante a parte final do reinado de Susenyos. Estes monumentos, abandonados há séculos, são testemunhas silenciosas das guerras que assolaram a Etiópia, neste período. A região em torno do lago Tana foi, nos séculos XVI e XVII, palco de trágicos confrontos entre populações judaicas, muçulmanas, cristãs e pagãs, e o proselitismo dos missionários católicos num reino maioritariamente cristão mas ortodoxo, acabou por se tornar, ela própria, factor suplementar de instabilidade. Após um breve período de aparente sucesso, marcado pela conversão do soberano etíope ao catolicismo, em 1620, os jesuítas acabaram por ser perseguidos, mortos ou expulsos do país, e as igrejas católicas foram destruídas e pilhadas pelos militantes ortodoxos.

A igreja católica de Mertule Maryam e as catedrais de Gorgora e Danqaze são obras imponentes, cuja construção foi possível devido ao empenhado apoio financeiro e político do imperador.

A igreja de Mertule Maryam, no Gojam Central, por exemplo, foi construída num local que havia já sido, nos séculos XV e XVI, um importante centro da resistência imperial à influência crescente do clero etíope. A localização e a história desta igreja mostram que, para avaliar o sucesso dos missionários jesuítas e, genericamente, os *ferenjoch* (“francos”, ou europeus), na Etiópia, há que compreender que o apoio que os soberanos lhes manifestavam advinha de uma estratégia histórica de consolidação do poder imperial, já anterior à presença portuguesa.

Ainda hoje, as lendas orais que as populações locais contam a propósito daqueles edifícios evocam uma complexa dinâmica política e cultural. A *afatarik*,

ou “história oral”, tem grande importância na preservação destas memórias etíopes porque fornece uma perspectiva popular sobre acontecimentos que os historiadores eclesiásticos e da corte preferiam, muitas vezes, censurar. Os anciãos das aldeias remotas do norte da Etiópia guardam a memória de lendas que contam a vida dos imperadores e das suas mulheres, as intrigas de corte e as guerras religiosas, e o efémero protagonismo de santos e heróis populares. Estes relatos entrecruzam-se com outros que falam da chegada de 400 militares portugueses, comandados por Cristóvão da Gama, num momento em que a civilização etíope cristã se encontrava à beira do aniquilamento às mãos dos invasores muçulmanos do reino de Zeila, liderados pelo emir de Harar, Ahmed ibn Ibrahim (o *Granhe*, ou “Canhoto”). Outras histórias referem-se às lutas entre o clero ortodoxo local e os missionários católicos europeus para obter o favor dos imperadores.

Há como que uma topografia mítica nos planaltos etíopes, que parece ainda reverberar com as acções dos exércitos do conquistador muçulmano Ahmed *Granhe*. Os inúmeros incêndios e pilhagens de igrejas levados a cabo nesse período, suscitaram várias visões lendárias que atribuem a este personagem características sobrenaturais, como um gigante em fúria deixando um rasto de destruição por onde passava. Por este motivo, o martírio de Cristóvão da Gama às suas mãos, e a vitória final dos cristãos etíopes e portugueses nas redondezas do lago Tana, são referências importantes na história oral dos cristãos da região.

As ruínas dos castelos e das igrejas católicas que pontuam a paisagem do Gojam, de Dembeya e de Gondar, parecem sublinhar a própria história da

progressão para norte do poder imperial, a partir do Gojam. Segundo uma lenda local, no fim da guerra contra os exércitos do *Granhe*, uma profecia de tons milenaristas foi transmitida ao vitorioso soberano cristão: segundo ela, a fundação de uma nova capital da Etiópia, cujo nome começaria com a sílaba *gô*, traria uma nova época de prosperidade e glória à cristandade. Os imperadores teriam então fundado sucessivamente **G[*o*]zara** (em Enfrazé), **Gomangué** (em Dank'aze) e **Gorgora** (numa península do lago Tana).

Gondar, cujos primeiros palácios foram construídos segundo o modelo dos castelos de Guzara e Gomangué, tornou-se, em meados do século XVII, a capital política do reino e, simultaneamente, um importante centro religioso e artístico. Fundada pelo imperador Fasiladas, na sequência da expulsão dos jesuítas, Gondar é, ainda assim – e a vários níveis –, o produto de uma original mescla de elementos políticos e culturais, resultantes de vários confrontos civilizacionais, seja ao nível regional (entre a civilização amárica e tigrínia e os povos muçulmanos do sudeste e os oromos, provenientes do Sul), seja a nível internacional (entre os cristãos ortodoxos e os iemenitas, por um lado, e com uma presença portuguesa na qual se incorporavam elementos indianos).

A chamada arte gondarina é o produto deste original cruzamento da tradição iconográfica ortodoxa com influências estéticas e teológicas católicas - não apenas em termos formais (introdução da perspectiva, de novos pigmentos, em novos suportes), como em termos de conteúdo (novos motivos, como a imagem de Maria *Hodigitria*, o *Ecce Homo*, entre outros).

O mesmo acontece com a literatura, a filosofia e a teologia etíopes, contemporâneas e posteriores à presença jesuíta no país: marcadas por uma retórica legitimadora da ortodoxia não calcedónica, que caracteriza a fé cristã etíope, devem, ainda assim, ser entendidas à luz do processo de profundo questionamento doutrinário, filosófico e litúrgico que os jesuítas suscitaram. Neste contexto, há que avaliar o sucesso das seitas duofisitas do *K'bate* e do *Karra*, no Gojam e no Tigré, respectivamente, e os conflitos teológicos com os apoiantes da doutrina unionista oficial do *Tewahedo*, que advieram do apoio declarado de alguns imperadores àquelas “heresias”, como espelhando a importância, e a permanência, da influência católica na Etiópia – muitos anos depois da expulsão dos jesuítas do país.

Este património histórico e cultural - que, mais propriamente que português, deverá ser entendido como especificamente jesuíta – tende a não ser assumido institucionalmente na Etiópia. As referências elogiosas que os cristãos etíopes fazem às acções dos militares portugueses naquele país têm um reverso negativo nas histórias que se contam sobre a missão jesuíta na Etiópia. Ela é ainda hoje sentida como estando na origem de um trauma colectivo que molda a visão que os ortodoxos etíopes têm dos europeus, já que foi pretexto da sangrenta guerra civil do século XVII. Se o património cultural que resultou da presença portuguesa no país é parte importante da memória histórica etíope, seria ainda assim ingénuo e inadequado olhá-lo como testemunhos de uma suposta glorificação dessa mesma presença.

A Etiópia é um país onde praticamente metade da população é muçulmana, onde

convivem mais de oitenta línguas e entidades étnicas, e onde a desconfiança em relação aos estrangeiros em geral, e aos europeus em particular, é marcada por uma permanente suspeita perante quaisquer intenções colonizadoras. Assim, as memórias centradas no património português/jesuíta do norte da Etiópia têm valores diferentes quando interpretadas localmente ou usadas como parte de discursos nacionalistas pan-etíopes. Em todo o caso, as menções lendárias aos militares portugueses e aos missionários jesuítas, e às suas realizações, são pretextos importantes para a (re)organização discursiva da longa história da Etiópia. Quando um etíope afirma que “os portugueses deixaram o seu sangue na Etiópia”, ele pretende sobretudo dizer que a memória da presença portuguesa (como a de judeus e árabes) é um factor justificativo da identidade miscigenada dos *abasha* (“abissínios”) e das particularidades da sua civilização.

Manuel João Ramos
Dept. Antropologia, ISCTE

BIBLIOGRAFIA:

Hervé Pennec, *Des Jésuites au royaume du Prêtre Jean (Éthiopie). Stratégies, rencontres et tentatives d'implantation (1495-1633)*, Paris, Centre Culturel Gulbenkian, 2003.

Girma Beshah & Merid Wolde Aregay, *The Question of the Union of the Churches in Luso-Ethiopian Relations (1500-1632)*. Lisbon, Junta de Investigações do Ultramar & Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1964.

Manuel João Ramos & Isabel Boavida (coords.), *The Indigenous and the Foreign in Christian Ethiopian Art; on Portuguese-Ethiopian Contacts in the 16th-17th Centuries*. Aldershot, Ashgate, 2004.

Mordechai Abir, *Ethiopia and the Red Sea - the Rise of the Solomonid Dynasty and Muslim-European Rivalry in the Region*. London: Frank Cass, 1980.